

Texto preservado-v3.

Aqui estamos outra vez em nome do Soberano Criador dos céus e a terra, o Senhor Jesus Cristo. Dando prosseguimento à Inspiração, vou falar agora de sua natureza.

Usamos o termo "inspiração" para nos referirmos ao processo que o Soberano Criador usou para produzir sua Revelação escrita. O Criador escolheu usar autores humanos, com exceção das tábuas de pedra contendo o Decálogo, que o próprio Criador gravou (Êxodo 31.18, 32.16). Ao comparar o estilo de livros escritos por pessoas diferentes, é evidente que a personalidade do autor humano não foi reprimida ou bloqueada: Paulo escreve de uma maneira, João escreve de uma maneira diferente e assim por diante. E o mesmo autor mudará de estilo, dependendo do público-alvo ou destinatário. Assim, quando Pedro escreve que os autores foram “levados pelo Espírito Santo” (2 Pedro 1.21), podemos entender que o ‘levar’ garantiu que as palavras que foram escritas expressavam corretamente o significado que o Espírito Santo queria transmitir. Tanto a Palavra viva como a Palavra escrita envolvem uma união hipostática: como Jesus Cristo pode ser 100% Deus e 100% homem ao mesmo tempo é um mistério; como a Palavra escrita pode ser 100% divina e 100% humana ao mesmo tempo é também um mistério.

Mas não é só isso. A maneira como a inspiração funciona varia com o tipo de literatura.

1) Estritamente falando, ‘revelação’ significa informação dada diretamente a alguém pelo Criador (às vezes usando um anjo). A verdadeira profecia é um profeta repetindo com precisão o que o Criador lhe disse: “a palavra do Senhor veio a mim dizendo” (Jeremias 1.4). Por necessidade, a informação contida no primeiro capítulo de Gênesis foi dada diretamente a Adão pelo Criador. Da mesma forma, as informações contidas em Jó 1.6-12 e 2.1-7 tinham de ser dadas diretamente ao autor do livro (talvez Eliú, filho de Baraque – Jó 32.2). Atos 1.16 diz que o Espírito Santo falou pela boca de Davi. Com referência à ‘Ceia do Senhor’, Paulo escreveu: "Recebi do Senhor o que também transmiti a vocês" (1 Coríntios 11.23). Eu poderia adicionar outras referências, mas já dei o suficiente para ilustrar ‘revelação’; tal revelação é geralmente normativa, serve para orientar nosso comportamento.

2) A informação histórica é um pouco diferente; a inspiração garante a veracidade do que é descrito - as coisas aconteceram exatamente daquela maneira. Deveria ser óbvio que as descrições de pecado, mentira, crime ou perversidade não são normativas, embora sirvam de exemplos negativos para nos alertar. Gênesis 3.4 registra uma mentira; “Então a serpente disse à

mulher: Você certamente não morrerá”. Obviamente, a inspiração não está de acordo com a mentira, apenas garante que a serpente disse exatamente isso. Informações históricas, ou registro, podem incluir orientação normativa. É sempre necessário prestar muita atenção ao contexto, que pode apropriadamente ser chamado de ‘rei da interpretação’.

3) O material poético é mais difícil. É um gênero de comunicação que tem suas próprias regras e o contexto é o mais importante. A Canção de Salomão é composta de treze ‘cânticos’; eles não são apresentados como normativos. Como a relação entre homem e mulher é fundamental para a existência humana, é natural que o assunto encontre um lugar na Revelação escrita. Que o Criador escolheu o gênero poético, foi Sua prerrogativa, e isso vai com o assunto; a emoção frequentemente encontra expressão em forma poética.

Em contraste, os Provérbios são geralmente normativos. Em Eclesiastes 12.9-11, Salomão declara a inspiração dos provérbios: eles foram “dados por um Pastor”.

Por outro lado, o próprio Salomão não faz a mesma reivindicação para Eclesiastes, outro livro que ele escreveu. O segundo verso, “Vaidade das vaidades, diz o pregador, Vaidade das vaidades, tudo é vaidade”, obviamente não concorda com o resto da Bíblia. Servir a Deus não é vaidade, a salvação em Cristo não é vaidade e assim por diante. De fato, Salomão declara abertamente como o livro veio a ser: "Pus o meu coração a procurar e buscar com sabedoria" (1.13), "Eu comunguei com o meu coração" (1.16), "eu coloquei meu coração para conhecer a sabedoria e conhecer a loucura e a insensatez" (1.17), “procurei no meu coração como gratificar a minha carne” (2.3). O livro é claramente uma tentativa de entender a vida e o mundo usando uma análise puramente humanista, deixando o Soberano Criador fora de cena. Essa análise foi realizada por um homem que era muito inteligente. Entendo que o livro foi incluído no Cânon precisamente para mostrar a que conclusão uma análise puramente humanista da vida deve chegar – ao vazio e ao desespero. No entanto, o autor concluiu o livro afirmando a verdadeira verdade, para que ninguém fosse enganado: “Deixem-nos ouvir a conclusão de toda a questão: Teme a Deus e guarda os seus mandamentos, porque isto é o tudo do homem. Porque Deus trará toda obra a julgamento, inclusive toda coisa secreta, seja boa ou má.”

Iluminação

Eu afirmo que é importante distinguir entre inspiração e iluminação, com referência às Escrituras. Inspiração se refere ao escrever do material bíblico; iluminação se refere à interpretação do material bíblico. Ambos, inspiração e iluminação, são obra do Espírito Santo. A iluminação é geralmente reservada

para aqueles que foram regenerados. “Ora, um homem almatíco não recebe as coisas do Espírito de Deus, porque são loucura para ele; de fato, ele não pode entendê-las, porque elas são espiritualmente discernidas” (1 Coríntios 2.14). É o que o Texto diz. Uma pessoa almatíca não pode entender as coisas espirituais, o que parece um defeito congênito. Os fatos concretos contidos em um registro histórico podem ser entendidos por qualquer pessoa. Que Davi matou Golias é um fato que qualquer um pode entender. Mas entender o propósito do Espírito Santo por trás de uma declaração inspirada depende da iluminação, e para recebê-la é preciso ser espiritual (1 Coríntios 2.15).

O Canon

Chego agora à questão da canonicidade do Texto Sagrado: por que nossa Bíblia tem a variedade exata de livros que ela possui – nem mais, nem menos, e não outros? Inspiração refere-se à atividade divina no ato de escrever o material, garantindo o resultado. Em contraste, a canonização do Texto refere-se à atividade humana, reconhecendo a qualidade divina desse material. O processo desse reconhecimento ocorreu dentro da comunidade da Fé – a comunidade hebraica, para o AT, e a comunidade cristã, para o NT. Já me referi à atitude que o Senhor Jesus Cristo demonstrou em relação ao AT, que era toda a Bíblia que existia naquele momento. Ele, evidentemente, reconheceu o Cânon de 39 livros que haviam sido definidos até Seu tempo. Ele citou vários livros - tirados da Lei, da história, da profecia e da poesia - e o fez como sendo a Palavra de Deus, algo verdadeiro, sagrado e autoritário. Os autores humanos do NT demonstraram o mesmo respeito pelo AT, que também era a Bíblia deles.

Eu já disse que o AT contém 39 livros, e assim foi até o século XVI da era cristã. O Concílio de Trento foi uma reação da Igreja Católica Romana contra a Reforma Protestante. Começou em 1545 e concluiu seu trabalho em 1563. Acrescentou quatorze ‘livros’ ao AT, embora os quatorze nunca tivessem sido reconhecidos pela comunidade hebraica. Nos círculos protestantes, esses livros são geralmente referidos como ‘Apócrifos’, enquanto nos círculos católicos romanos eles são referidos como ‘Deutero-canônicos’. O Cânon do NT foi formalmente fechado pelo Concílio de Cartago em 397 d.C., o Cânon do AT tendo sido fechado séculos antes. Certamente, 1563 já era tarde demais para acrescentar livros ao Texto Sagrado.

Agora, a canonização tem tudo a ver com a preservação do Texto. Isso porque certamente a comunidade da Fé só se preocuparia em transmitir e proteger os livros "canônicos", aqueles que foram considerados inspirados.¹ Prosseguindo,

¹ Por exemplo, existem pessoas que sustentam que o Autógrafo de Mateus foi escrito em hebraico. Mas existe uma pequena dificuldade com essa tese: não existe sequer uma única cópia conhecida desse

quando eu abordar a questão da preservação, abaixo, vou ponderar que é precisamente a preservação do Texto que comprova sua canonicidade. A parte humana na transmissão do Texto é óbvia, mas havia também atividade divina, protegendo o Texto (incluindo a exata redação)? E como poderia alguém ‘medir’ essa atividade divina? Eu vejo duas ‘ferramentas’ relevantes para fazer a medição: lógica e história. Eu começo com o argumento da lógica.

Inspiração é um resultado ou uma qualidade da Revelação – com essa declaração estamos afirmando que o Soberano Criador decidiu transmitir alguma informação objetiva à raça humana. Se o Criador estivesse apenas preocupado em transmitir informação a um determinado indivíduo, ou grupo, em um determinado ponto no tempo, para um propósito específico, isso poderia ser feito oralmente. Mas se o propósito dEle era alcançar uma sequência de gerações (até mil delas, 1 Crônicas 16.15), então a forma apropriada seria por escrito. Agora, se o Criador pretendesse que Sua Revelação chegasse intacta, ou pelo menos inteira e em condições confiáveis, ao século XXI, Ele absolutamente teria que vigiar o processo de transmissão através dos séculos. Ele teria que proibir a perda irrecuperável de qualquer material genuíno, bem como proibir qualquer inserção de material espúrio irreconhecível. A redação original deveria estar disponível, em qualquer geração, para pessoas que estivessem suficientemente interessadas em ter essa redação de que pagariam o preço necessário (tempo, viagem, dinheiro) para obtê-la. (Em geral, as pessoas ficariam satisfeitas com o texto que tinham, desde que considerassem confiável.) Então, uma pessoa que crê na inspiração divina do Novo Testamento, por exemplo, também deveria crer na preservação divina do NT – é uma questão de lógica. Mas, e quanto às evidências históricas; elas concordam com nossa lógica, ou não? É para essa pergunta que eu me atenho agora.

Evangelho em hebraico. Sendo que foi somente o Mateus em grego que a Igreja protegeu e transmitiu, então o Autógrafo foi escrito em grego, obviamente. Contudo, parece-me igualmente óbvio que Mateus, e qualquer outra pessoa que sabia escrever, encheu ‘cadernos’ com as suas anotações de tudo que Jesus disse e fez. Sim, porque Lucas 1.1 afirma que “muitos têm empreendido pôr em ordem uma narração dos fatos que de veras se cumpriram entre nós”. Todas as anotações feitas ‘na hora’ teriam sido em hebraico, já que foi esse o idioma que Jesus usou. Quando Mateus escreveu o seu Evangelho em grego, ele certamente consultou suas anotações escritas em hebraico. A falta de sequer uma cópia em grego de coisas tais como o evangelho de Tomé, ou de Judas, ou como queira, significa que tais escritos não eram inspirados e não foram reconhecidos pela Igreja.